

## HISTÓRIA E LITERATURA: ENTREVISTA COM WILLI BOLLE

Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite<sup>1</sup>  
Pós-doutorando (PPGH-UFES)  
augustobrunoc@yahoo.com.br

Josias Freire  
Professor (IFB-DF)  
freire.josias@gmail.com

Marcello Felisberto Morais de Assunção  
Pós-doutorando (FFLCH-USP)  
marcellofma@gmail.com

Willi Bolle (Stefan Wilhelm Bolle) nasceu em 1944 em Berlim. Em 1966, aos 22 anos, veio ao Brasil para encontrar João Guimarães Rosa, tendo realizado desde então estudos sobre sua obra. Desenvolveu ao longo de sua trajetória diversas reflexões na intersecção entre história e literatura, sendo a “modernidade” brasileira o objeto primordial desses escritos. Tem sido um dos grandes divulgadores da obra de Walter Benjamin no Brasil, organizando coletâneas como *Documentos de cultura, documentos de barbárie* (BOLLE, 1986) e a versão em português das *Passagens* (BOLLE, 2006). É Professor Titular de Literatura Alemã na USP. O convite para a entrevista (via e-mail) foi realizado durante o evento “Testemunho e melancolia”, realizado na UFES entre os dias 24 e 26 de setembro de 2018.

**Revista de Teoria da História:** O senhor faz parte da geração de alemães que de certa forma descobriu um pensador que hoje figura entre os grandes filósofos do século XX, Walter Benjamin. Como foi o seu primeiro contato com o pensamento do Benjamin?

**Willi Bolle:** O meu primeiro contato com a obra de Walter Benjamin ocorreu em 1969, em Berlim, com a leitura do livro *Charles Baudelaire: ein Lyriker im Zeitalter des Hochkapitalismus* (1969); *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (BENJAMIN, 1989). Isso se deu no contexto da ampla redescoberta de Benjamin pela geração de 1968.

---

<sup>1</sup> Registro meu agradecimento à CAPES e à FAPES.

Naquela época, depois de um estágio de pesquisa de dois anos e meio no Brasil (1966-1968), eu estava elaborando a minha tese de doutorado sobre a técnica narrativa nos contos de Guimarães Rosa, que defendi na Universidade de Bochum, em 1971. Depois da minha vinda definitiva para o Brasil, iniciei em 1972 a minha carreira acadêmica na Área de Pós-Graduação em Teoria Literária na PUC-São Paulo. Em 1974, dei o meu primeiro curso sobre Benjamin, no caso, sobre o seu conceito de modernidade; seguido de outro curso, em 1977, sobre o seu método crítico. Quando comecei a lecionar na USP, a partir do mesmo ano de 1977, escolhi como projeto de pesquisa da minha livre-docência o tema “Walter Benjamin e a cultura da República de Weimar” (1984), que se tornou a base do meu livro *Fisionomia da Metrópole Moderna* (1994).

**RTH:** Os historiadores, diferentemente dos filósofos, teóricos da literatura e das artes, ainda se dedicam relativamente pouco ao estudo rigoroso da obra de Benjamin, restringindo, em geral, as suas leituras quase sempre ao texto “Sobre o conceito de História”. Lido, ainda, de forma isolada. O senhor escreveu o verbete “História” do dicionário de conceitos benjaminianos da editora Suhrkamp e certamente figura entre os grandes especialistas na matéria. O que a ideia de História de Benjamin apresenta de novo em relação ao que as humanidades em geral entendiam ou mesmo ainda entendem como História?

**W. B.:** Benjamin distancia-se do paradigma tradicional do historicismo, que estuda os fatos de forma linear, contínua e causal. Para apresentar a sua visão e o seu método, ele usa uma terminologia idiossincrática, o que tem dificultado a sua recepção pelos historiadores. Ele procura estabelecer uma relação com “o ocorrido” a partir do “agora da cognoscibilidade”. Por exemplo: através do estudo da história social e política de Paris, a “capital do século XIX”, ele visa entender melhor o seu “tempo de agora”, isto é, a Alemanha no período da República de Weimar. Ele critica a fé no “progresso”, defendida ao mesmo tempo por historiadores burgueses e de esquerda. Benjamin considera a Modernidade como um tempo que “não soube corresponder às novas possibilidades tecnológicas com uma nova ordem social”. O que pesou nesse ceticismo diante do progresso foi a experiência histórica da derrota da esquerda alemã pelo nacional-socialismo. A tarefa do historiador, segundo Benjamin, é a de “um intérprete dos sonhos coletivos”. Isto quer dizer: usar uma “técnica do despertar” para desmontar sonhos

coletivos, mitologias e ideologias. Nesse despertar, as “imagens oníricas” são substituídas por “imagens dialéticas”, que esclarecem o ocorrido a partir do tempo de agora. A alternativa benjaminiana para a crença no progresso é a inclusão de elementos messiânicos em sua concepção da História. Segundo ele, a tarefa de uma “crítica salvadora” consiste na rememoração e “redenção” de elementos da “história dos sofrimentos”, que foram esquecidos ou recalçados.

**RTH:** A teoria pós-colonial, decolonial, *subaltern studies*, a filosofia africana e outras tantas correntes têm em comum a tentativa de reverter os efeitos negativos que o eurocentrismo marcou a autorrepresentação dos povos colonizados e grupos subalternizados. O professor vê paralelos entre a teoria da história benjaminiana e a virada historiográfica e literária em torno destes estudos nos últimos anos? Poderíamos dizer, portanto, que Benjamin, lido em chave decolonial, é um possível referencial teórico-historiográfico para pensar os efeitos da “colonialidade” no presente a partir de sua leitura a contrapelo?

**W. B.:** Benjamin, embora não chegue a ser uma referência obrigatória nas teorias pós-coloniais, registrou nas *Passagens parisienses* várias observações relevantes sobre as relações entre metrópoles e periferias. Três exemplos: 1) Dentre os vários projetos de colonização, publicados na mídia parisiense, ele destaca o do escritor Alexandre Dumas de fazer uma expedição à Argélia para escrever um livro que deveria “despertar em 50.000 a 60.000 franceses o gosto de colonizar”. 2) Contrariando a visão convencional de que as periferias se localizariam longe da metrópole, nos países distantes das Américas e da Ásia, Benjamin registra que a burguesia parisiense chamava de “grandes Índias” os bairros pobres de sua cidade, situados logo além dos *boulevards*, onde circulavam as classes abastadas. Também é lembrada a descrição, por parte de Baudelaire, de uma mulher negra doente no centro de Paris, deixando claro que é na própria metrópole que podem ser observados os efeitos da colonização. 3) A citação de um texto que fala de futuros avanços dos exércitos da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, para expandir a civilização nas “terras incultas” da Ásia, pode ser lida como uma visão premonitória de ações guerreiras na nossa época, como a invasão do Iraque, em 2003.

Por outro lado, existem nas *Passagens* (BENJAMIN, 2006) também algumas marcas de eurocentrismo, sobretudo num texto em que Benjamin fala do combate à loucura. Para ele, o

lugar da loucura é simbolizado pela “Selva”, e a sua proposta consiste em torná-la um “campo de cultivo”, limpando-a com “o machado da razão”. Comentei detalhadamente esse equívoco no meu artigo “Paris on the Amazon? Postcolonial interrogations of Benjamin’s European Modernism” (2009). Como contraponto a Benjamin, citei também várias vozes da periferia: autores brasileiros como Mário de Andrade (*Pauliceia desvairada*, 1922), os *rappers* Racionais MC’s (*Sobrevivendo no Inferno*, 2002) e Márcio Souza, autor da peça *As Folias do Látex* (1976, retomada em 2007).

**RTH:** Acerca dos desafios próprios à historiografia brasileira, como a teoria da história de Benjamin potencialmente auxiliaria os historiadores interessados em compreender a história recente de nosso país?

**W. B.:** A teoria da história de Benjamin e a sua aplicação prática nas *Passagens parisienses* nos faz descobrir afinidades entre a Paris do século XIX, metrópole de um império colonial, e uma megacidade da periferia, como São Paulo no século XX. A perspectiva do *tópos* da “caducidade” da metrópole desperta a atenção do leitor para as contradições e os atrasos da modernidade: ceticismo diante da ideologia do progresso, um cosmopolitismo complicado, as enormes desigualdades sociais. Aprofundei esses tópicos no meu livro *Fisiognomia da metrópole moderna* (1994).

Para estudar a relação entre as grandes cidades brasileiras e o interior, o romance *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, oferece uma conexão com aquela passagem memorável em que o protagonista Riobaldo tem uma visão de “milhares mís e centos milhentos” de sertanejos pobres e miseráveis migrando do sertão em direção às cidades. A análise da paixão e do luto de Riobaldo por Diadorim, que é o eixo da narração, pode ser ampliada através do conceito benjaminiano da “história do sofrimento” (desenvolvido em *Origem do drama barroco alemão*). Com isso, passa-se do romance de formação de um indivíduo ao romance social, e abre-se a perspectiva para a história cotidiana da população sertaneja. Aprofundei essa análise no meu livro *grandesertão.br – o romance de formação do Brasil* (2004).

Quanto à história da Amazônia, estudei-a em vários ensaios sobre o “Ciclo do Extremo Norte” (1941-1978), do romancista paraense Dalcídio Jurandir. O que é exemplar em sua obra

é a apresentação detalhada das condições de vida dos caboclos e dos habitantes da periferia de Belém, por meio de um romance que acompanha a formação do jovem Alfredo, dos seus dez aos seus vinte anos. Dalcídio valoriza os caboclos como sujeitos da História, mas chama a nossa atenção para as dificuldades do acesso dos pobres a uma boa educação – o que não é apenas um problema fundamental da Amazônia, mas do Brasil inteiro. Trata-se, para usar uma expressão de Benjamin, de despertar nesse legado do romancista, “as centelhas da esperança”, para que o seu ato de “narrar” – aludindo ao título de uma imagem benjaminiana de pensamento – possa estimular atividades de “curar” esses males.

**RTH:** O professor evidentemente possui uma relação muito forte com o Brasil, leciona na Universidade de São Paulo há décadas e se dedica à pesquisa da obra de João Guimarães Rosa também há bastante tempo. Da perspectiva de um alemão-brasileiro – se me permite esta sugestão –, da parte de alguém que conhece tanto a língua como a cultura dos dois países, o que o senhor teria a dizer sobre possíveis relações entre os pensamentos de Benjamin e Guimarães Rosa? Em termos estéticos, éticos, ou mesmo filosóficos em geral, podemos traçar alguma afinidade entre os dois?

**W. B.:** Uma afinidade estética entre Benjamin e Guimarães Rosa existe no fato de eles relacionarem os seus respectivos projetos de escritores com as culturas que inventaram a escrita. No caso de Benjamin, com os hieróglifos do Egito: cf. o texto “Papeleria” (em *Rua de mão única*), onde ele comenta a inscrição gravada no Obelisco da Place de la Concorde. No caso de Guimarães Rosa, o poema que evoca os reis mesopotâmicos “Sargon / Assarhaddon / Assurbanipal ...” (em *Sagarana*) também nos leva de volta a uma das culturas que instauraram a escrita. Com base nisso, a ideia de Benjamin era a criação de “uma escrita de trânsito universal”, enquanto o projeto de Rosa de uma “língua universal” consistia em “renovar o mundo por meio da renovação da linguagem”.

Em termos éticos, tanto Benjamin quanto Guimarães Rosa são escritores exemplares, na medida em que dão importância especial à questão de escutar “o Outro”. Nas *Passagens parisienses* há centenas de citações, através das quais escutamos as vozes dos mais diversos autores que nos fazem entrar no cenário e sentir a atmosfera da “capital do século XIX”. Em

*Grande sertão: veredas*, o romancista nos proporciona um intenso mergulho no universo da cultura popular, ao incorporar à sua obra cerca de 1.300 falas de sertanejos.

Uma afinidade filosófica em geral entre Benjamin e Guimarães Rosa consiste no fato de ambos incentivarem a autorreflexão. Desde a sua tese de doutorado sobre *O conceito de crítica no romantismo alemão* (1919), Benjamin destaca como principal qualidade e requisito de um crítico a autorreflexão. Esta postura caracteriza também o modo de falar de Riobaldo, o protagonista-narrador de *Grande sertão: veredas*. A autorreflexão crítica marca a própria composição do romance, onde ocorrem duas grandes interrupções do relato. Assim, na segunda interrupção e reorganização da história narrada, Riobaldo anuncia que vai falar para o interlocutor de seus “erros” e de sua “culpa”.

**RTH:** Como já reiteramos, o professor é especialista nas obras de João Guimarães Rosa (1908-1967) e Walter Benjamin (1892-194). Ambos são autores muito diferentes, mas que têm em comum um apreço pela linguagem e por sua capacidade criadora, especialmente no que se refere ao que poderíamos chamar de composições linguísticas experimentais. Pensemos, por exemplo em *Sagarana* (1946) e *Rua de Mão Única* (1928). Rosa e Benjamin foram autores típicos do século XX, associados a vanguardas artísticas e político-filosóficas específicas, mas que não tiveram a oportunidade de viver a revolução informacional, a emergência da internet e do mundo interconectado. Não puderam experimentar – embora talvez tenha imaginado – a escrita virtual, não linear dos *hyperlinks*, a internet colaborativa/ construtiva (2.0) a internet das coisas, etc. Para o senhor, nossa época, o século XXI, tem espaço para relações (literário-filosóficas) criativas, inventivas e experimentais com a linguagem? Caso sim, o senhor teria exemplos de experiências nesse sentido? Qual as expectativas do senhor para a literatura e a filosofia do futuro, no que se refere à linguagem?

**W. B.:** Benjamin e Guimarães Rosa não viveram a revolução informacional, mas tiveram uma intuição que ela estava por vir e, nesse sentido, ambos os autores deixaram exemplos criativos, inventivos e experimentais.

Veja-se esta citação do Primeiro Esboço (1927-1929) das *Passagens*: “Comparação do homem a um painel de comando no qual há milhares de lâmpadas; ora apagam-se umas, ora outras e acendem-se novamente”. Se substituísimos, nesta caracterização, a palavra “homem”,

por *Passagens*, temos uma definição muito exata da forma de composição dessa obra. Com a metáfora do “painel de comando” – dispositivo de controle de uma complexa instalação elétrica ou eletrônica – o problema da organização do saber reveste-se de uma expressão viva, tecnologicamente atual e ao mesmo tempo lúdica e aberta à experimentação. De lembrar que, em 1945, o engenheiro Vannevar Bush planejava uma máquina amplificadora do cérebro, um mega-arquivo chamado *Memex*, com o qual o pesquisador armazenaria todos os seus livros, lembranças e comunicações numa forma à qual pudesse recorrer com rapidez e flexibilidade. É justamente esse processamento dos elementos de construção das *Passagens* – registro e armazenamento de esboços e dados, sua reutilização e reorganização – que caracteriza as diversas etapas desse *work in progress*, que ficou inacabado.

Como um complemento e um signo de afinidade com aquele “painel de comando” pode ser considerada esta passagem de Guimarães Rosa, no Prefácio à *Antologia do Conto Húngaro* (1956), organizada por Paulo Rónai: “É uma língua *in opere*, fabulosamente em movimento. Toda possibilidade, ela aceita quaisquer aperfeiçoamentos de gênese inventiva, como um painel de mesa telefônica, para os engates *ad libitum*.” Com esta caracterização da língua húngara, o autor descreve ao mesmo tempo o alto grau de inventividade da linguagem e a forma de composição do seu romance *Grande sertão: veredas*. Assim como Benjamin, também Guimarães Rosa usa uma metáfora que nos faz lembrar a confecção dos primeiros computadores, na década de 1940, com centenas de conexões de fios elétricos.

Ambos os autores, apesar de não terem vivido a revolução informacional, já praticaram uma escrita em forma de *hipertexto*, composto de *links*. Mais que um livro, as *Passagens* são um arquivo em movimento, uma “enciclopédia mágica”. O romance *Grande sertão: veredas* pode ser descrito como uma rede de discursos sobre o Brasil, desde o diálogo implícito com os retratos canônicos do país até as falas de políticos e de pessoas do povo. Ambas as obras são formas de composição e escrita que mostram “como um cérebro trabalha” (cf. Vannevar Bush, *As we may think*, 1945).

O desafio para a geração atual é como dar continuidade a esse legado altamente criativo de Benjamin e de Guimarães Rosa. Com base nesse laboratório de “renovação da linguagem”, que é o *Grande sertão; veredas*, a minha expectativa, ou melhor, o meu desejo é que ocorra uma grande expansão do uso do letramento, ou seja, da habilidade de escrever, no sentido de que cada cidadão – inclusive os que pertencem às camadas mais pobres da população, os

“iletrados” – se torne virtualmente um autor, que possa apresentar o seu pensamento no espaço público. Deixei registrado esse desejo, usando uma metáfora do futebol, o “ponto futuro”, no título do meu livro *grande sertão – ponto – br.*

**RTH:** Em sua obra *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*, o senhor apresenta a literatura de formação da identidade brasileira de modo autoral, passando por obras de ficção, de sociologia e historiografia, tais como *Os Sertões*, *Casa-Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, de modo a incluir *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, como clímax desta tradição. Segundo o seu argumento, quais seriam os principais elementos linguísticos e temáticos que elaboram na obra rosiana pontos de conexão exemplar entre a potência universal literária e a história do Brasil?

**W. B.:** O projeto de Guimarães Rosa de renovar e reinventar a linguagem tem sua base numa reflexão crítica sobre a falta de comunicação entre a camada social superior, considerada “cultura” e “letrada”, e as camadas de baixo, “os iletrados”. O romance *Grande sertão: veredas* é uma obra literária que é ao mesmo tempo uma espécie de laboratório para um diálogo entre as classes. A começar pela forma como é construída a situação narrativa. Um doutor da cidade tem a paciência de escutar durante cerca de 500 páginas a fala de um sertanejo. A isso subjaz o incentivo de fazer os leitores letrados refletirem criticamente sobre o uso que fazem do seu letramento.

Retomando a tradição de Euclides da Cunha, também Guimarães Rosa retrata o Sertão como a região que melhor resume o retrato do Brasil. Nas obras de ambos os escritores, o Sertão aparece como a essência da paisagem social brasileira: um ambiente de forte desigualdade social e de constante recurso à violência, que nos faz refletir sobre problemas universais na nossa Terra.

Em termos linguísticos e temáticos, a contribuição dos dois escritores mostra-se também na expansão universal das palavras “sertão” e “favela” que, em vez de serem traduzidas, passaram a fazer parte de dicionários de outras línguas, como o alemão e o francês. A favela, que é uma planta da caatinga, deu seu nome ao ponto estratégico do Alto da Favela, junto à comunidade de Canudos; depois da guerra, esse nome foi transferido para um morro do Rio de Janeiro, onde os soldados ergueram seus barracos; e de lá para cá, a realidade dos pobres bairros



da periferia, as favelas, têm marcado a fisionomia das cidades no mundo inteiro, como mostra de forma eloquente o título do livro do historiador Mike Davis (2006): *Planeta Favela*.

**RTH:** A importância das muitas relações entre a produção do conhecimento histórico e a literatura é reconhecida pelos dois campos. A história, particularmente, ao ter seus vínculos com a literatura explicitados, por exemplo, pela obra do historiador norte-americano Hayden White (1928 – 2018), adquiriu uma maior consciência de sua natureza *poética*, de seu estatuto intermediário entre ciência e arte. De que modo o senhor pensa as relações entre história e literatura? Para o senhor, o que os historiadores podem ainda aprender com a literatura?

**W. B.:** A obra de Hayden White é exemplar, no sentido de intensificar o diálogo entre historiadores e estudiosos da literatura. Em 1997, na Universidade de Stanford, eu tive a sorte e o prazer de assistir a um curso desse mestre. O pensador que foi fundamental para mim para trabalhar as relações entre história e literatura foi Walter Benjamin. Para ele, a história literária não existe em si e por si, mas faz parte da história geral. Benjamin não estuda a literatura pela literatura, mas a obra literária é considerada como um medium de percepção e de reflexão por meio do qual podemos aperfeiçoar o nosso conhecimento da realidade. Assim, por exemplo, ele não estuda Baudelaire por causa de Baudelaire, mas pelo fato de a obra desse poeta ser um meio de percepção da mais alta qualidade, que nos permite conhecer melhor a fisionomia da metrópole Paris: os tipos humanos, as relações políticas, econômicas e sociais, o comportamento e o imaginário de seus habitantes. Em termos metodológicos, é importante ainda notar que a apresentação da cidade, na poesia de Baudelaire, ou do sertão, no romance de Guimarães Rosa, tem uma qualidade estética que é irreduzível a termos da linguagem científica ou comum.

**RTH:** Talvez uma “literatura politicamente engajada”, que se presta a problematizar seu contexto político de maneira mais específica, tanto no que se refere às suas formas e conteúdos, tenha tido seu momento de ouro, por assim dizer, diante das grandes disputas políticas (das “grandes” narrativas) do século XX. Poderíamos pensar em Sartre, na figura dele, quando falamos nesse “grande engajamento”. Para o senhor, quais seriam as possibilidades, se elas

existem, de uma literatura engajada em nossos dias? Se for o caso, qual o espaço para tal literatura na academia e o seu papel na compreensão das contradições de nossa época (pensamos em Chimamanda Adichie, por exemplo)?

**W. B.:** Uma pergunta que, a meu ver, deve se fazer a todos os representantes e defensores da “literatura engajada”, é esta: Em que medida vocês dialogam efetivamente com pessoas das classes pobres, ou seja, com as que vivem na periferia da nossa sociedade? E em que medida vocês dão voz a eles? Quantos e quais representantes das nossas instituições acadêmicas estão efetivamente engajados nesse sentido? Parece-me que é um número muito reduzido. Se essa situação não mudar radicalmente, e se não se criar um amplo diálogo entre o mundo acadêmico e as pessoas que vivem à margem da nossa sociedade, a situação atual de extrema inequidade social vai se perpetuar.

**RTH:** Um fenômeno muito comum entre clássicos do pensamento marxista (ou associados a esta tradição) é sua constante apropriação acadêmica e redução dos mesmos somente enquanto “teóricos da cultura” e não críticos do capitalismo (em suas várias dimensões) e de suas consequências. Podemos apontar o caso emblemático de Antônio Gramsci, mas também de pensadores da teoria crítica como é o caso do próprio Walter Benjamin. O professor acredita que uma parte desses usos de Walter Benjamin encontram-se hoje demasiado voltados para questões internas da análise da cultura e pouco preocupada com a dimensão política e “incendiária” da sua teoria político-social?

**W. B.:** Qualquer teoria da cultura, que não engloba também a reflexão sobre o seu contexto e suas condições econômicas, sociais e políticas, não consegue compreender adequadamente os fenômenos culturais. A obra de Benjamin é um exemplo crítico dessa situação e desse desafio. Quanto à relação entre o pensamento crítico e a prática política, é preciso que o pensador preserve a autonomia do seu pensamento, não se subordinando a diretrizes e chavões de partido. Benjamin e Brecht mantiveram-se autônomos nesse sentido.

Benjamin, contudo, pagou um certo tributo à retórica militante de sua época ao enfatizar “a luta de classes” e a cultivar o ideal de uma revolução que acabou se tornando um mito. No texto “Aviso de incêndio” (em *Rua de mão única*), ele se manifesta a favor da “abolição da

burguesia”: se não ocorrer essa abolição, “tudo estará perdido”. Falta aí uma certa dose de autorreflexão. Afinal: a que classe social pertenceu o próprio Benjamin: ao proletariado ou à burguesia? Ele defendeu, então, a autoabolição de sua classe? Convém lembrar que os feitos históricos da burguesia não são unilateralmente negativos; assim, por exemplo, a grande maioria dos pensadores, cientistas e artistas da época moderna é de origem burguesa. A caracterização da posição política de Baudelaire por Benjamin é mais matizada: ele o descreve como “um agente secreto – um agente da insatisfação secreta de sua classe com a própria dominação”. E, já que Benjamin defende tão enfaticamente a vitória do proletariado, não seria uma postura mais emancipatória, na luta contra a opressão, dar a primazia das palavras aos oprimidos?

**RTH:** Gramsci e Benjamin são conhecidos por sua escrita fragmentária de difícil internalização para jovens iniciados nas ciências humanas. Diante disso, há um esforço de organizar essa produção por meio de coletâneas de textos e de livros comentados sobre conceitos e a trajetória intelectual e institucional. Quais textos chave e comentadores o professor recomendaria para uma leitura mais profunda da obra de Walter Benjamin?

**W. B.:** Quanto a textos-chave de Benjamin, eu recomendo para a leitura, os seguintes, passando dos mais breves aos mais complexos:

- 1) “A vida dos estudantes”.
- 2) “Revisor de livros juramentado”, capítulo do livro *Rua de mão única*.
- 3) “Narrar e curar”, capítulo do livro *Imagens de pensamento*.
- 4) “A escrivantina”, capítulo do livro *Infância berlinense por volta de 1900*.
- 5) Exemplos de crítica literária e de crítica em geral:
  - 5.1) “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”.
  - 5.2) “O agrupamento político dos escritores na União Soviética”.
  - 5.3) “Teorias do fascismo alemão”.
  - 5.4) “Sobre a imagem de Proust”.
  - 5.5) “Franz Kafka”.
  - 5.6) “O que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht”.
  - 5.7) “Crise do romance: sobre Alfred Döblin, *Berlin Alexanderplatz*”.

- 5.8) “O narrador”.
- 5.9) “O autor como produtor”.
- 5.10) “Crítica da violência – crítica do poder”.
- 6) A tese de doutorado: *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*.
- 7) A tese de livre-docência: *Origem do drama barroco alemão*.
- 8) Os dois ensaios mais citados na recepção de Benjamin:
  - 8.1) “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.
  - 8.2) A teses “Sobre o conceito de História”.
- 9) O inacabado livro-modelo das *Passagens*:  
*Charles Baudelaire, um poeta no auge do capitalismo*.
- 10) *Passagens*,  
o *opus magnum*, que pode ser lido como livro, arquivo ou enciclopédia mágica.

Como se vê, esta lista de sugestões é muito abrangente. Por isso, o leitor deve ficar inteiramente à vontade para escolher os títulos que mais lhe interessam. Quanto aos comentadores da obra de Benjamin, que tornariam estas leituras ainda mais volumosas, prefiro deixar essa escolha a critério dos leitores.

**RTH:** Por fim, faremos uma última pergunta que é comum a todas as entrevistas da RTH: o professor acredita que a história, crítica literária e a ciências humanas, de forma geral, têm uma função social?

**W. B.:** Acredito, sim, que história, crítica literária e as ciências humanas em geral têm uma função social. Para que isso possa ser realizado, é preciso considerar a ampliação enorme das fontes de informação trazida pela revolução dos meios de comunicação e saber usar adequadamente esses recursos. O outro fator, mais importante ainda, é tomar como referência personalidades exemplares de historiadores, críticos e cientistas. Vincular-se a essa tradição significa retomar e reavivar a ideia de formação do indivíduo como um cidadão, um homem público, no sentido de Goethe, isto é: criar para cada pessoa as oportunidades de escolher livremente o seu caminho de aprendizagem. Um caminho que, além dos sucessos, permita também realizar experimentos e cometer erros, contanto que esses erros possam ser corrigidos através da reflexão crítica.

### Referências bibliográficas

BOLLE, Willi. Apresentação. In: BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. São Paulo: Cultrix, 1986, pgs. 9-14.

\_\_\_\_\_. **Fisiognomia da metrópole moderna. Representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: EdUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. **Grandesertão.br – O romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas Cidades-Editora 32, 2004.

\_\_\_\_\_. “Um painel com milhares de lâmpadas”: Metrópole & Megacidade. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte-São Paulo: EdUFMG-Imprensa Oficial, 2006, pgs. 1141-1167.

\_\_\_\_\_. Paris on the Amazon? Postcolonial interrogations of Benjamin’s European modernism. In: GOEBEL, Rolf J. **A companion to the works of Walter Benjamin**. New York: CAMDEN House, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.